

MANUAL DO PROFESSOR

ESTRELAS TORTAS

WALCYR CARRASCO

Organização pedagógica **Maria José Nóbrega**



 MODERNA

ÁRVORES E TEMPO DE LEITURA

Maria José Nóbrega

“O que é, o que é,
Uma árvore bem frondosa
Doze galhos, simplesmente
Cada galho, trinta frutas
Com vinte e quatro sementes?”¹

Enigmas e adivinhas convidam à decifração: “Trouxeste a chave?”.

Encaremos o desafio: trata-se de uma árvore bem frondosa, que tem doze galhos, que têm trinta frutas, que têm vinte e quatro sementes: cada verso introduz uma nova informação que se encaixa na anterior. Quantos galhos tem a árvore frondosa?

Quantas frutas tem cada galho? Quantas sementes tem cada fruta? A resposta a cada uma dessas questões não revela o enigma. Se for familiarizado com charadas, o leitor sabe que nem sempre uma árvore é uma árvore, um galho é um galho, uma fruta é uma fruta, uma semente é uma semente... Traíçoeira, a árvore frondosa agita seus galhos, entorpece-nos com o aroma das frutas, intriga-nos com as possibilidades ocultas nas sementes.

O que é, o que é?

Apegar-se apenas às palavras, às vezes, é deixar escapar o sentido que se insinua nas ramagens, mas que não está ali.

Que árvore é essa? Símbolo da vida, ao mesmo tempo que se alonga num percurso vertical rumo ao céu, mergulha suas raízes na terra. Cíclica, despe-se das folhas, abre-se em flores, que escondem frutos, que protegem sementes, que ocultam coisas futuras.

“Decifra-me ou te devoro.”

Qual é a resposta? Vamos a ela: os anos, que se desdobram em meses, que se aceleram em dias, que escorrem em horas.

Alegórica árvore do tempo...

A adivinha que lemos, como todo e qualquer texto, inscreve-se, necessariamente, em um gênero socialmente construído e tem, portanto, uma relação com a exterioridade que determina as leituras possíveis. O espaço da interpretação é regulado tanto pela organização do próprio texto quanto pela memória interdiscursiva, que é social, histórica e cultural. Em lugar de pensar que a cada texto corresponde uma única leitura, é preferível pensar que há tensão entre uma leitura unívoca e outra dialógica.

Um texto sempre se relaciona com outros produzidos antes ou depois dele: não há como ler fora de uma perspectiva interdiscursiva.

Retornemos à sombra da frondosa árvore – a árvore do tempo – e contemplemos outras árvores:

Deus fez crescer do solo toda espécie de árvores formosas de ver e boas de comer, e a árvore da vida no meio do jardim, e a árvore do conhecimento do bem e do mal. [...] E Deus deu ao homem este mandamento: “Podes comer de todas as árvores do jardim. Mas da árvore do conhecimento do bem e do mal não comerás, porque no dia em que dela comeres terás de morrer”.²

Ah, essas árvores e esses frutos, o desejo de conhecer, tão caro ao ser humano...

Há o tempo das escrituras e o tempo da memória, e a leitura está no meio, no intervalo, no diálogo. Prática enraizada na experiência humana com a linguagem, a leitura é uma arte a ser compartilhada.

A compreensão de um texto resulta do resgate de muitos outros discursos por meio da memória. É preciso que os acontecimentos ou os saberes saiam do limbo e interajam com as palavras. Mas a memória não funciona como o disco rígido de um computador em que se salvam arquivos; é um espaço movido, cheio de conflitos e deslocamentos.

Empregar estratégias de leitura e descobrir quais são as mais adequadas para determinada situação constitui um processo que, inicialmente, se produz como atividade externa. Depois, no plano das relações interpessoais e, progressivamente, como resultado de uma série de experiências, transforma-se em um processo interno.

Somente com uma rica convivência com objetos culturais – em ações socioculturalmente determinadas e abertas à multiplicidade dos modos de ler, presentes nas diversas situações comunicativas – é que a leitura se converte em uma experiência significativa para os alunos. Porque ser leitor é inscrever-se em uma comunidade de leitores que discute os textos lidos, troca impressões e apresenta sugestões para novas leituras.

Trilhar novas veredas é o desafio; transformar a escola numa comunidade de leitores é o horizonte que vislumbramos.

Depende de nós.

¹ *Meu livro de folclore*, Ricardo Azevedo, Editora Ática.

² *A Bíblia de Jerusalém*, Gênesis, capítulo 2, versículos 9 e 10, 16 e 17.



UM POUCO SOBRE WALCYR CARRASCO, O AUTOR DE *ESTRELAS TORTAS*

Walcyrr Carrasco nasceu em 1951, em Bernardino de Campos, SP. Escritor, cronista, dramaturgo e roteirista, com diversos trabalhos premiados, formou-se na Escola de Comunicação e Artes de São Paulo. Por muitos anos trabalhou como jornalista nos maiores veículos de comunicação de São Paulo, ao mesmo tempo que iniciava sua carreira de escritor na revista *Recreio*. Desde então, escreveu diversas novelas, peças de teatro e publicou mais de trinta livros infantojuvenis, tendo recebido por suas obras muitos prêmios ao longo da carreira.

É cronista de revistas semanais e membro da Academia Paulista de Letras, onde recebeu o título de Imortal.

A OBRA

Marcella é uma adolescente cheia de vida, bonita e esportiva. Voltando de uma viagem de carro, em que a mãe dirigia, sofre um grave acidente, o carro capota e a jovem fere-se gravemente, ficando paraplégica: choque brutal para uma jovem cheia de sonhos e fantasias. A família desorganiza-se e um novo modelo familiar precisa ser inventado.

Passado o primeiro impacto, Marcella, aos poucos, vai se esforçando para adaptar-se à cadeira de rodas, sua companhia constante para toda a vida. O retorno à escola, a busca de novos amigos, a possibilidade de reinventar sua vida são algumas das vitórias alcançadas por essa jovem corajosa e persistente.

COMENTÁRIOS SOBRE A OBRA

Nesta novela – que é considerada uma história intermediária entre o conto (uma narrativa curta) e o romance (uma narrativa longa) –, várias pessoas dão seu depoimento sobre a tragédia que se abate sobre Marcella e sua família. A mãe sente-se culpada, pois era ela que estava ao volante.

O irmão, Gui, sente-se esquecido e abandonado, já que a vida passa a girar em torno de Marcella. O pai, abatido também por questões financeiras, trata a filha como um vaso delicado de cristal, tentando protegê-la do próprio ato de viver. A avó, essa figura mágica na vida familiar, é aquela que consegue romper a cadeia de superproteção e ajuda Marcella a se reorganizar para construir uma nova vida. A solidariedade dos amigos torna possível a Marcella reinventar a arte de ser feliz.

QUADRO-SÍNTESE

Gênero: Novela.

Componentes curriculares: Língua Portuguesa, Ciências, Arte, Educação Física.

Temas contemporâneos: Direitos da criança e do adolescente; respeito e valorização do idoso; educação em direitos humanos; saúde; vida familiar e social; trabalho; diversidade cultural.

Público-alvo: 8º e 9º anos do Ensino Fundamental.